

Sexta-feira, 26 de Junho de 1959

CRUZEIROS

RUBEM BRAGA

MOMENTO

A GORA o que há a fazer é aproveitar a oportunidade para uma investigação em profundidade na polícia carioca, que está precisando de uma varredura severa em seus quadros.

Não sei se o novo chefe é homem para isso. A tarefa de limpeza é dura e penosa, mas absolutamente necessária. O Brasil está crescendo, está tomando ares de grande, e já não é mais possível continuar em sua capital com uma polícia cheia de achacadores, ladrões e assassinos. Não basta um inquérito rigoroso e a punição dos culpados. É preciso uma reforma da própria organização para que seja possível uma fiscalização constante, talvez através do aparelho judiciário, que para isso disporia de poderes mais amplos.

A corrupção é profunda e velha, e o carioca se acostumou a ver no policial um perigo e não uma garantia. Um perigo para sua integridade física, para sua liberdade e, quando menos, para seu bolso. Os bons elementos que existem na corporação não têm nenhum estímulo: são constantemente passados para trás ou simplesmente encostados para não atrapalhar a «gang».

Só um trabalho decidido e longo poderia fazer de nossa polícia uma instituição de homens orgulhosos de seu prestígio, de sua honradez e de sua eficiência. Já passei uma noite inteira de plantão em uma delegacia movimentada e tive oportunidade de sentir a extraordinária força da polícia, a sua capacidade tremenda de fazer o mal e o bem, de influir na vida dos indivíduos, das famílias e da coletividade. Uma boa polícia é uma bênção para a sociedade, e vale todo o dinheiro que se gastar para remunerar e equipar bem os seus homens. Uma polícia que atraia para o seu seio os homens de bem, os elementos capazes e sérios que queiram exercer uma das missões básicas do Estado.

Chega de covardes que matam, de achacadores oficiais, de cafajestes com autoridade.

P.S. — O presidente Juscelino merece parabéns pela firmeza com que agiu no caso da demissão do general Kruehl. Desta vez ele agiu como Presidente.